

Editorial

Nesta edição, o Espaço Museu é dedicado ao Museu da Horta, repositório de um conjunto heterogéneo de colecções, datadas do século XVI até à actualidade.

Este número dedica, também, especial atenção à cultura imaterial, neste caso o cerimonial "Pão-por-Deus", um peditério ritual executado por crianças no dia 1 de Novembro (início da época dedicada ao Culto dos Mortos).

Destacamos, igualmente, nesta edição a Antropologia Visual como disciplina que recorre a tecnologias e métodos de comunicação visual, que poderá promover a animação dos objectos disponíveis nos espaços museológicos, enquadrando-os nas respectivas vivências, ou então documentando os sistemas de valores, crenças e folclore que presidiram à sua época. Esta nova disciplina, através da comunicação por imagens, permite reproduzir uma imagem viva da cultura e enriquece o processo de musealização dos museus.

Esperamos que, de alguma forma, esta informação possa contribuir para o enriquecimento dos trabalhos de inventariação e documentação em curso nos museus.

Maria Manuel Velasquez,

Chefe de Divisão do Património Móvel e Imaterial

Editor: Presidência do Governo Regional dos Açores
Direcção Regional da Cultura

Coordenação geral: Maria Manuel Velasquez

Coordenação editorial: João Paulo Constância
Rosa Veloso

Design: Carlos Sousa

Paginação: Rui Marques

Colaboradores nesta edição: Antonieta Costa
Isabel Feijão
Luís Meneses
Mercês Meneses

E-mail: museus.info@azores.gov.pt

Destaques



Pág.
05

O "Culto dos Mortos" base das religiões indo-europeias

Antonieta Costa



Pág.
04

Festival de Moscovo "Mediating Camera"

Antonieta Costa



Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta



Luís Meneses, Director do Museu

→ Denominado com o nome da cidade açoriana que o alberga, o museu foi criado em 1977 (Decreto Regulamentar Regional nº 21 de 18 Julho), sendo constituído pelo núcleo sede e pelo Núcleo Museológico dos Capelinhos, afecto ao mesmo no ano de 1997.

No acto da fundação do Museu da Horta, foi-lhe atribuído para a sua instalação o antigo Colégio dos Jesuítas, que em conjunto com a Igreja Matriz, é o mais amplo e rico edifício que a Companhia de Jesus construiu nos Açores, estando classificado como *Monumento Regional* (Resolução nº 41/80 de 11 de Junho).

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta

➔ O Colégio dos Jesuítas, é um edifício do século XVIII, que após o terramoto de 1926, que destruiu grande parte da cidade da Horta, foi reconstruído com a finalidade de albergar serviços administrativos. Mantendo-se ainda hoje com a mesma configuração espacial, o museu apenas ocupa uma parte do que lhe fora destinado, vivendo paredes meias com repartições na dependência do Ministério das Finanças.

Quanto ao **Núcleo Museológico dos Capelinhos**, está albergado num edifício de construção de pedra basáltica, típico de arquitectura popular rural das ilhas, na freguesia do Capelo, concelho da Horta.

Instituído o Museu da Horta com a missão genérica de preservar o património de uma comunidade, foi em substância o espírito coleccionista que o foi recheando, tendo-se à posteriori, determinado a sua vocação de âmbito regional, em matéria de política de aquisições, conservação e investigação.

O Museu da Horta, espelha hoje aquela necessidade inicial de uma política de incorporação de acervo de natureza diversa, que corria o risco de se perder, quando à partida, já era herdeiro de um espólio de carácter etnográfico e de história natural, de um anterior museu do município faialense, que funcionara entre 1943 e finais da década de 60.

Já o **Núcleo Museológico dos Capelinhos**, foi de raiz projectado para a instalação de uma exposição documental sobre a erupção do Vulcão dos Capelinhos, ocorrida no ano de 1957.

O museu como uma organização cultural, procura no âmbito da sua vocação histórica pré-definida, sem uma especialidade objectiva dentro daquela linha, dar resposta à sua missão: a incorporação, a investigação, a conservação, a exposição e o relacionamento com outras instituições.

Não beneficiando ainda de instalações adaptadas à sua vocação, o que leva a que com frequência muitas exposições temporárias se organizem em espaços exteriores ao museu, procura desempenhar um papel de pólo aglutinador e difusor de preservação da memória colectiva da comunidade insular, cujo trabalho museográfico se pauta por ser didáctico e objectivo, perante a diversidade dos seus públicos. ➔



Exposição permanente "Miolo de Figueira"

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta Exposições

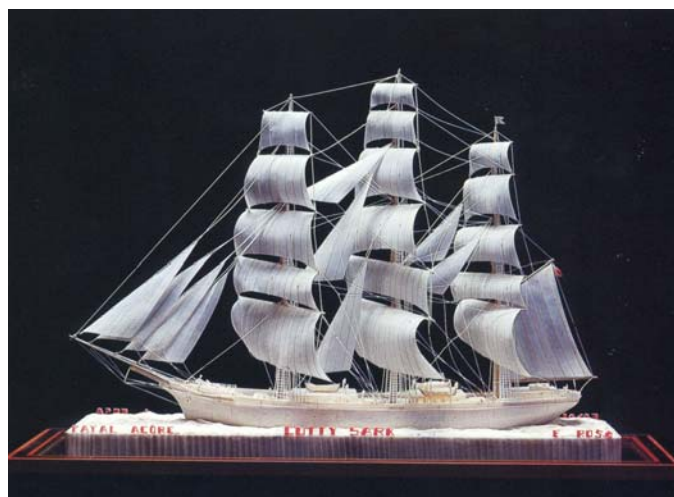
➔ No museu, encontramos duas pequenas exposições de longa duração e, três espaços destinados a exposições temporárias:

-*Memória de um Espaço*, que identifica o imóvel onde o visitante se encontra, sendo ilustrada com documentação gráfica, fotográfica, epigráfica, imaginária sacra e mobiliário, organizada de forma evolutiva.

-*Miolo de Figueira*, que constitui uma colecção de um só autor, que é constituída por peças feitas a partir da extracção da seiva dos ramos adultos da figueira brava, e que

ainda hoje é uma das poucas produções artesanais e tradicionais, que se mantém com alguma regularidade na ilha do Faial.

No Núcleo Museológico dos Capelinhos, pólo agregado ao Museu da Horta, contém uma exposição permanente relativa ao fenómeno vulcânico ocorrido em 1957, composta por documentação gráfica, fotográfica e fragmentos de rochas e escórias, dispondo ainda de uma apresentação de fotografias por meio informático e de um documentário multimédia. ➔



Cutty Sark
Euclides Rosa (1910 - 1979)
Miolo de Figueira
41, 5 cm X 13, 5 cm

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta Colecções



Exposição temporária: Expressões e objectos culturais

➔ O Museu da Horta é formado por um conjunto heterogéneo de colecções, abrangendo um vasto campo disciplinar. Resultante de depósitos públicos e privados, doações e aquisições, e compreendendo um período cronológico que vai do século XVI à actualidade, o acervo distribui-se pelas seguintes colecções, de forma genérica: etnografia, objectos e engenhos ligados a antigos ofícios e às tecnologias tradicionais agrícola, do linho, da lã e cerâmica; objectos tecnológicos, relacionados com a história do Porto da Horta e a cabo-telegrafia; artes plásticas; documentos fotográficos; documentos impressos e manuscritos; exemplares de história natural, mineralogia e geologia.

Do núcleo de arte, destacam-se as pinturas do séc.XVII e XVIII da escola

portuguesa, de Bento Coelho da Silveira e Vieira Lusitano, e de arte contemporânea, de Sousa Pinto, Domingos Rebelo, Manuel Lapa, António Dacosta, Mário Cesariny, Guilherme Parente, Graça Coutinho, Carlos Carreiro, José Nuno da Câmara Pereira, José França Machado e Luís França Machado.

À parte do espólio descrito, é de realçar a colecção de manufatura executada em miolo de figueira, que o integra desde 1980, e que, sendo única, está instalada como exposição de longa duração.

Por último, registre-se que desde a fundação do museu, tem-se vindo a incorporar documentação de apoio ao estudo das colecções e, uma biblioteca especializada em história local e regional e, história de arte. ←



Exposição permanente do Núcleo Museológico dos Capelinhos

■ Divulgação

Notícias Notícias Notícias

➔ *Concepção de sítios de Internet em museus*



Adolfo Silveira, coordenador do curso

Nos últimos anos, a Divisão do Património Móvel e Imaterial (DPMI) da Direcção Regional da Cultura dos Açores (DRaC) tem vindo a desenvolver projectos que visam a divulgação do património móvel existente nos museus, utilizando os meios promocionais tradicionais e/ou recorrendo às novas tecnologias de informação e de comunicação. Atendendo às necessidades de formação nesta área, e no âmbito do protocolo firmado entre o IPM/ RPM e a DRaC, entidade que tutela os museus da Rede Regional de Museus dos Açores, realizou-se na ilha Terceira o curso *Concepção de sítios de Internet em museus*.

A formação decorreu no Palacete Silveira e Paulo, situado na cidade de Angra do Heroísmo, de 6 a 8 de Novembro. O coordenador deste curso foi o Dr. Adolfo Silveira, técnico superior do Museu Nacional de Arqueologia, responsável pelo site internacionalmente premiado do citado museu.

Participaram nesta formação técnicos de vários museus da Região Autónoma dos Açores bem como técnicos da DPMI.



Participantes

Divulgação

Notícias
Notícias
Notícias→ Inventariação do espólio do
Palácio dos Capitães-Generais

Prato raso do serviço de mesa da *Vista Alegre*.
Porcelana branca decorada com esmaltes policromos e
ouro.
D. 25,8 cm
PCG 25

A Divisão do Património Móvel e Imaterial (DPMI) da Direcção Regional da Cultura em parceria com a Coordenação dos Palácios da Presidência do Governo Regional, deu início ao trabalho de inventariação, no passado mês de Outubro, do espólio do património móvel do Palácio dos Capitães-Generais em Angra do Heroísmo. Este trabalho encontra-se a ser executado utilizando a aplicação *Docbase*, tal como todos os museus da Rede Regional. Desta forma, estes elementos também ficarão disponíveis na base de dados em construção.

O espólio comporta uma grande quantidade e variedade de peças, tendo-se optado por começar pela inventariação do material cerâmico, devido à grande quantidade existente. Por exemplo, o serviço de mesa da *Vista Alegre* e o conjunto de copos em cristal do século XVIII, que ostentam a inscrição do brasão da Região Autónoma dos Açores, possuem aproximadamente 620 e 370 peças. Existem outros exemplares de grande interesse, como são o caso do grande número de porcelanas chinesas de exportação (algumas *brasonadas*) e faiança *inglesa*. Levado a efeito pela técnica superior Isabel Feijão, da DPMI, o trabalho de inventário decorrerá durante o ano de 2007.

Notícia

Festival de Moscovo
“Mediating Camera”

Antonieta Costa

→ Sob este título aconteceu entre 8 e 14 de Outubro de 2006, na Universidade Lomonosov de Moscovo, um importante Congresso com mostra de documentários de Antropologia Visual. Cerca de 107 trabalhos foram visionados fornecendo uma vasta panorâmica da morfologia da nova disciplina (sub disciplina da Antropologia Social), agora denominada Antropologia Visual.

Aparentemente, e segundo a perspectiva ali apresentada, a produção do documentário antropológico (neste conceito incluindo o etnográfico e o etnológico) contém um potencial que, devidamente utilizado, poderá fazer deslocar uma parte do foco de interesses do grande público, dos factos (na sua maior parte relatados em reportagens de “notícias”) para as “pessoas”. Esta prevista viragem, a ter lugar no que constitui a base do discurso dos *media* visuais, poderá (segundo as conclusões do Congresso), passar a focar mais o “acto cultural” e seus sentidos (que assim passarão a ganhar uma maior visibilidade), contrapondo-se aos aspectos exteriores, actualmente abordados apenas como “notícia”.

Esta faceta ilustra resumidamente a capacidade pragmática contida no novo instrumento disponibilizado pela disciplina, que ao recorrer a tecnologias e métodos da comunicação visual, registando em filmes, fotografia, vídeos e outras representações pictóricas ou imagéticas os seus conteúdos, consegue apresentar um diferente atractivo à informação pública. O segredo estará em saber utilizar o que na Antropologia Visual pode abrir um novo domínio prático, patenteando, através do produto final e da sua posterior análise, os modos como as pessoas estruturam a “realidade”. Os resultados são a criação de uma plataforma de comunicação sobre cultura e sua percepção pictórica/imagética, que agora despertam interesse numa grande variedade de públicos, os quais mesmo que apenas focados na superfície do conteúdo (como anteriormente), passam a absolver a natureza mais profunda da mensagem, graças à utilização de um meio comum aos dois processos.

Este instrumento ganhou portanto, recentemente (2006), como abordagem antropológica, possibilidades de uma grande expansão, quer em Escolas, para documentar qualquer domínio da investigação/recolha, quer em Museus, onde o efeito pedagógico dos conteúdos pode ser potenciado, quer ainda na sociedade

de consumo. Conjugando investigação e construção fílmica da realidade remete as questões da teoria antropológica para um segundo plano, fixando-se no nível da comunicação prática, de campo, embora as formas de simbologia pictórica a que recorre exijam um enquadramento histórico e cultural.

Tendo em consideração que as teorias referentes à comunicação por imagens (pictórica) dependem também das tecnologias e dos métodos de gravação disponíveis, a disciplina facilita a possibilidade de recorrer a fórmulas práticas para o seu ensino e futura utilização, por exemplo, nos espaços museológicos, onde pode promover a animação dos objectos ali disponíveis, enquadrando-os nas respectivas vivências, ou então documentando os sistemas de valores, crenças e folclore que presidiram à sua época, etc. Todas essas e muitas outras abordagens à cultura imaterial, que subjaz ao contexto museológico, podem usufruir da Antropologia Visual como forma de conjugar esforços no sentido de reproduzir uma imagem viva da cultura, enriquecendo todo o seu processo de musealização.

Mas este uso implica investir seriamente na representação (filmes, vídeos, fotos, etc.) do modo como estão estruturadas as interações que compõem cada sistema social, nomeadamente nas suas bases e escalas de valores, matéria que irá emergir através da Antropologia Visual, como suporte aos objectos da cultura material que compõem os conteúdos museológicos.

O que, em última análise, resulta num acréscimo de conhecimento sobre o ser humano, aparece nos documentários produzidos sob a égide da Antropologia Visual numa mais valia que, subitamente, se vê atirada para primeiro plano.

O confronto com a variedade de modos de pensar, de comportamentos e de sistemas sociais, submetidos à apreciação pública, alerta para os princípios que gerem o multiculturalismo e a diversidade cultural, podendo dizer-se deste modo que, mesmo documentando situações de ordem prática, a utilização da Antropologia Visual conduz sempre ao conhecimento do homem (natureza humana) através da Cultura (material e imaterial) e das suas formas de comunicação. ←

Divulgação

O “Culto dos Mortos”, base das religiões Indo-Europeias

Antonieta Costa

→ Muito anteriormente à era Cristã (ou mesmo à Hebraica), o “culto dos antepassados” terá sido a forma religiosa utilizada pelo homem no seu contacto com o sobrenatural.

Monumentos megalíticos, como Menires, Dólmenes, Cromlechs, etc. tornaram-se recintos privilegiados, onde os mortos (muitas vezes aí sepultados) eram invocados, para protecção dos vivos.

Embora características de um passado muito distante, as marcas dessa cultura megalítica (como ficou conhecida), estão ainda presentes entre os habitantes actuais. Nomeadamente nos Açores, cujas populações nunca vivenciaram tais situações, é comum o confronto com os seus vestígios, expressos em formas de pensar e em comportamentos, seus indicadores.

Está neste caso o cerimonial do Pão-por-Deus, um peditório ritual (dos vários distribuídos pelo ano agrário), executado por crianças, no dia 1 de Novembro (início da época dedicada ao Culto dos Mortos). Aparentemente uma simples brincadeira, sem outras implicações, na realidade assenta no pressuposto de que as dádivas (doces, rebuçados, “caspiadas”, castanhas, laranjas, etc.), seriam apreciados pelos mortos (em nome de quem são oferecidos) ao serem saboreados pelas crianças. As “caspiadas”¹ têm ainda a ênfase colocada na configuração (que deveria lembrar o topo de um caveira), sendo claramente um manjar ritual. A sua forma invertida simboliza a “calote tântrica”, taça indispensável aos rituais dos mortos Tibetanos. No México (talvez resíduos de algum hábito Espanhol



Saquetas para o peditório

para lá levado) esses bolinhos “dos Mortos”, têm mesmo a forma de pequenas caveiras, sendo comercializados apenas nesse dia (1.º de Novembro, dia dos Mortos), com grande procura.

Uma outra dádiva ritual deste dia é a de pequenas moedas, de cêntimos, que vão sendo guardadas com essa finalidade. Embora pareça estranha a oferta de dinheiro a crianças, o seu significado porém justifica-o: simbolizava o dinheiro necessário ao pagamento do barqueiro na travessia do “rio da morte” (o “Styx” Grego). Caso não fosse cumprida esta dádiva, dizia-se que o morto ficaria impossibilitado de passar o rio, permanecendo assim no mundo dos vivos, incomodando-os e inquietando-os. Era então hábito meter moedas nos bolsos dos mortos antes do seu enterro. Por essa razão é muito comum encontrar moedas nas sepulturas antigas.

O peditório ganhou colorido local com o uso de pequenas saquetas de retalhos (patchwork), com as quais são criadas verdadeiras mostras de artesanato.

Por outro lado, um hábito mais usual em Portugal continental², embora se manifeste também em algumas Ilhas, é o de “cas-

tiagar” quem se recusa às dádivas, com cantigas ofensivas. Em alguns locais (i.e. Biscoitos, Terceira), as cantigas servem as duas situações: para agradecer e para penalizar. ←

¹ Receita

Caspiadas (ou Escaldadas)

8Kg. de farinha de milho amarela (a amarela é mais macia e mais doce do que a branca), coada, ou passada em peneira fina.

2kg. de farinha de trigo

2 dúzias de ovos

2 kg. de açúcar

2 litros de leite

500grs. de manteiga

Canela em casca

Erva doce

Folhas de laranjeira azeda

Erva de Nossa Senhora

Fervem-se os ingredientes no leite e escalda-se a mistura das duas farinhas, à noite, ficando de um dia para o outro em repouso. Na manhã seguinte amassa-se a mistura com os ovos, açúcar e manteiga. Deixa-se levedar.

Fazem-se bolinhos do tamanho de uma mão fechada, que vão ao forno de lenha.

São mais apreciados os que ficam com a superfície rugosa, ‘arreganhada’. Na Bélgica diz-se que assim deixam ver as costuras dos ossos da caveira...

² Oliveira, Ernesto Veiga de, *Festividades Cíclicas em Portugal*, D. Quixote, Lisboa, 1984



Peditório Ritual executado por crianças no dia 1 de Novembro



Caspiadas (ou Escaldadas)

Web Links


➔ <http://www.metmuseum.org>

Comentário: Fundado em 1870, a colecção do *Metropolitan Museum of Art*, localizado em *New York*, possui hoje mais de 2 milhões de obras de arte de todas as partes do mundo, desde a pré-história até à actualidade. Recomendamos uma visita ao site deste museu não só pelo interesse da informação que disponibiliza on-line como também por ser um bom exemplo de construção de um sítio de *Internet* de um museu.

Guggenheim.ORG

➔ <http://www.guggenheim.org>

Comentário: Este site dá acesso a 5 dos mais famosos museus de Arte Moderna e Contemporânea, localizados nos Estados Unidos da América (New York e Las Vegas); em Espanha (Bilbao), na Alemanha (Berlim) e em Itália (Veneza).



➔ <http://www.museumwnf.org>

Comentário: Museu sem Fronteiras é a entidade responsável pela criação e implementação de um museu virtual. Ainda em construção já se encontra disponível o site dedicado à Arte Islâmica:

<http://www.discoverislamicart.org>

Em preparação encontra-se o site dedicado à Arte Barroca – Museu Virtual à Descoberta da Arte Barroca. Este museu tem como objectivo, através de prestigiadas colecções existentes em museus europeus, funcionar como porta de entrada de um verdadeiro museu sem fronteiras. Portugal é um dos países envolvidos neste projecto.

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta
Exposições temporárias


Exposição temporária "Expressões contemporâneas"

➔ Pode ser vista no Museu da Horta, até 10 de Dezembro, uma exposição temporária de pintura e escultura contemporânea, do acervo à guarda do Museu da Horta, em que constam os seguintes autores: Dimas Simas Lopes, Eduardo Carqueijeiro, José França Machado, Luís França Machado, José Nuno da Câmara Pereira e Tomás Vieira.

Entre 12 de Dezembro de 2006 e 31 de Janeiro de 2007, será instalada uma nova exposição sob o título, *João José da Graça - o introdutor da imprensa escrita no Faial*

O aparecimento da imprensa na Horta coincide com o aparecimento do primeiro

jornal entre os faialenses, dado à estampa com o nome de *O Incentivo*, a 10 de Janeiro de 1857. O seu introdutor, João José da Graça, nasceu na cidade da Horta a 15 de Abril de 1836, e era professor do Liceu Nacional da Horta, leccionando as disciplinas de Inglês e Francês.

A introdução de um periódico noticioso e literário na Horta, foi a seu tempo um acto ousado a que os influentes locais não deixaram de hostilizar, habituados à fórmula manuscrita e, à inexistência de opinião pública crítica. ←

■ Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu da Horta
Notícia

➔ Sendo um dos problemas estruturais do Museu da Horta, com maior urgência de resolução, a infiltração de água das chuvas, procede-se neste momento à reparação de toda a cobertura, com uma área de 1 180.00

m², cujo valor de adjudicação da empreitada foi de 107.580,32 euros (cento e sete mil quinhentos e oito euros e trinta e dois centimos), com prazo de execução de três meses. ←